

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

BPB
BADD

1.º ANNO

Assignatura: — Por 3 mezes 380 reis, semestre 600 reis, anno 12500 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pela correio augmenta o preço da franquia — avulso 40 reis. Toda a correspondencia sera dirigida a administração, franca de porte, rua de Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres, Lisboa.

NUMERO 1

BRAGA

DOMINGO 29 DE JANEIRO DE 1882

A CRUZ E A ESPADA!

Os dois symbolos: a fé e a justiça!
Sobre as ruínas d'um povo que decae, ergue-se radiante de luz o monumento eterno da redempção humana!

É uma esperança que espande-se como uma aurora que surge.

A espada é o esforço, é o direito que luta e triumpho, a verdade que fulge e caminha, a honra que nobilita e sobrepuja, a gloria que se arroja e conquista.

Duas ideias que se unificam em divina essencia porque veem de Deus.

E Deus é o amor, e o amor é a sociedade.

No estandarte de um partido nenhuma outra legenda melhor exprime um intuito sublime.

A Cruz encima a Igreja de Pedro. Do alto do Vaticano estende ainda seus braços radiantes, como que para cerrar o mundo n'um elo sagrado.

Catholicos e legitimistas acolhem-nos aquella amplexo.

E na politica como na religião temos direito a um posto de honra.

Desde que o Eterno deu ao coração humano a liberdade do sentimento, existe a liberdade dos principios.

A patria não tem filhos espurios.

Assim como a sombra de um direito, no poder ou fóra d'elle, vivem, agitam-se, combatem e triumpham outros partidos, o partido catholico, o partido legitimista portuguez têm a facultade, a plena prerogativa da sua existencia.

Não é justo que sobre elle pese o menos-prezo dos outros partidos, como uma lapida de marmore negro sobre um sepulchro.

A dignidade de um partido não vale menos que a dignidade de um homem, a quem a lei natural assigna o direito da propria conservação. O indifferentismo, a inercia de um partido é portanto um suicidio que a moral de todas as sociedades condemna, é a abdicção da dignidade, uma aberração da liberdade, se não é tambem um crime contra a patria, que é mãe de todos nós.

Na vida moral não pôde ser ferido este principio porque quando são atacados os direitos na luta do pensamento, estabelecse o direito ás luctas materiaes da força.

É mister reconhecer que existem principios soberanamente nobres, que distin-

guem os partidos das facções. Estas podem ser uma paixão numericamente fortalecida; os partidos são sempre uma ideia que busca largos horizontes.

Esses horizontes tem-os nós no futuro; longe ou perto, pouco importa.

O legado de nossos maiores está ainda intacto.

As ondas agitadas pelo sopro ensanguentado das revoluções, não mancharam ainda a alvura da bandeira que a nação Portuguesa desfraldou na conquista da sua independencia e liberdade.

Essa bandeira, esse legado é a honra nacional.

Uma geração que vai extincta cincoenta annos a guardou em milhares de corações, como em um sacrario.

A nova geração ha-de guardal-a tambem para um dia a entregar impoluta ao seu mais natural defensor, quando sobre o solio da realza se assentar victoriosa a legitimidade exilada.

Até, porém, que seja sol pleno d'esse dia cumprirá o seu dever.

E ha-de cumprir-o sem exorbitancias nem violencias, porque quem sabe usar de todo o seu direito, poupa-se á necessidade de exceder os seus deveres.

Na lucta das opiniões não é incompativel a cortezia para o adversario, nem o respeito para a lei.

O partido legitimista sobejamente ha provado a sua cordura.

No concurso generoso e franco pelos interesses communs da religião e do paiz, o partido legitimista não distingue cores de bandeira. Por Deus e pela patria está no flanco dos que mais amam o baptismo da alma e a terra em que nasceram.

Fora d'ali, no campo onde se estreman em filas as opiniões, quer offerecer batalha aberta e cavalheirosa, por que necessita evidenciar a sua existencia, e dar prova de seus brios.

Quer e pôde.

A Cruz e a Espada é ecco d'este designio e propugnaculo d'este direito.

Sem olvidar a veneração que deve á pleiada de portuguezes, nossos paes, que lhe hão dado exemplo de lealdade e de constancia, é forçoço que se não escureçam as tradições de nossos avós, que nol-o deram tambem de abnegação e valor.

Sessenta annos soffreu Portugal o jugo estrangeiro.

N'esse nefasto periodo, nenhum poder arrancou do coração nacional o amor pelo nome portuguez. Esse amor, traduziu-se no trabalho incansavel, nos lances aventurosos, nas luctas temerarias, antes que

se desprendesse a primeira nota dos hymnos de uma victoria, que fez o espanto de todas as nações.

Vencido, e ha meio seculo humilhado o partido legitimista, tem suportado gloria e desdouro e os sarcasmos dos veadores. Uma inacción systematica lhe tem atrofiado as forças, e posto em imminente perigo a vida, embora o haja enobrecido muito a perseverança.

Este estado pois é insustentavel.

A mocidade legitimista, corajosa e fiel não quer ser ludibriada ao proferir bem alto o seu credo politico. Não pôde consentir que se lhe gele o sangue no ocio, nem deseje legar á geração vindoura uma herança de cobardia.

Atravessar uma idade de meio seculo sem um só esforço, sem uma unica manifestação da sua energia, é soffocar os impulsos mais legitimos do pundonor, constituir-se cúmplice de um indifferentismo iniquo e traçoero.

O trabalho é virtude e honra: o desvelo é necessidade e dever.

Para se prestar culto á fé e ás crencas, não basta resguardal-as, vivas mas reconditas, nos arcanos da alma.

Mesmo dentro das orbitas da lei ha espaço para a actividade de um partido.

Não pretende o novo atleta dirigi-lhe probações a nenhum dos veteranos da causa sancta. Para elles tem de sobra a veneração que o filho deve ao pai.

As epocas e as circumstancias, porém, variam.

O novo campeão que chega á arena e desfralda desassombroso o estandarte da sua fé, carece dizer d'onde vem e para onde vai.

Inspirações! Traz as do dever: a fé, a creença, a honra e a esperança.

Intuitos! O concurso no labor commum pelos progressos e pela prosperidade da patria, a união a harmonia, a convivencia, o mutuo auxilio da familia catholica e legitimista.

Um por todos e todos por um. Unidos seremos fortes.

E quando soar a hora dos triumphos seremos a nação.

Não podemos ir de porta em porta levar santo e senha. Arvorada a bandeira nos nossos baluartes, e dado o signal de reunir, aguardamos que venham formar a nosso lado, os que forem soldados fieis da legitimidade.

Que venham tambem os que amando mais a religião e a patria do que os desvarios da revolução trouxerem animo firme e sinceros intentos. Embora cheguem de contrarios arraiaes, as dobras da bandeira

deira branca, a fiam cobertura de uma nação inteira.

A sombra d'esse labaro glorioso encobrecer-se um povo e offerecer-se a nação. E ainda sob as suas fluctuantes dobras que este povo pôde talvez renovar-se, e ainda o mundo se curar.

Avante pois!

Na vanguarda levamos pela Cruz a nossa fé e pelas nossas crencas publicas o Rei, legitimo descendente dos Reis que Portugal juro, quando a lucta do sangue e do deo de heróes, conquistou para si a regalia mais sacrosanta dos povos livres.

Na pedra angular da Igreja catholica exista uma garantia inquebrantavel. D. Miguel II se reflecte uma esperança viva, fagueira e poderosa.

Ao trabalho é a victoria! Braga, a cidade fiel, tem mantido fides o seu titulo de gloria e fidalguia. A lava dos vulcões revolucionarios, caindo em catadupas sobre seus muros, longe de obliterar as inscrições heroicas que a historia lhe consagra, mais cavou em fundos sulcos os caracteres que eternizam este livro de granito.

Não o digamos nós, quando heml alto fallamos combões do inimigo assestados de preferencia para este reducto do Catholicismo e da legitimidade, como para um focos de cujo poder se amedrontam.

Pois é no coração da legitimidade portugueza, n'esta Braga honrada n'esta Braga augusta, que congregada a mocidade legitimista se consubstancia em uma commissão que a representa, e cetera hoia os seus trabalhos trazendo a lume como seu organo *A Cruz e a Espada*.

Em boa hora seja!

A imprensa religiosa e legitimista de Portugal sendo estrangeiro um fraternal abraço a imprensa liberal dos protestos da nossa leal camaradagem, no que toca aos interesses geraes do paiz, e as mais sentidas expressões de respeito pela liberdade das suas opiniões.

A todos os legitimistas o formal convite para que acudam á chamada, vinho, fieis ao dever, honrar e proteger abandonada que se desenrola.

Por Deus! pela patria e pela Cruz!

Filhos da fé! Viva a Cruz!

Voluntarios da legitimidade! Viva o Rei!

Em nome do Eterno!

Religião

O tempo, e os séculos, que são inimigos mortaes de toda a grandezza humana, são o

FOLHETIM

AFFONSO O CATHOLICO

De Xeres nos campos de acerba memoria Já quasi esmorece da pugna o estridor; As hostes de Musa já cantam victoria; Retira Pelayo cruciado de dor.

Ao lado do bravo um guerreiro caminha, Manco e esforçado, formoso e gentil; Crestado inda o sol fina tez lhe não tinha, E os labros lhe cobre só vello subtil.

Mas real, nobi, sangue nas veias lhe gyra, E de homem fa-se n'um dia acabou; Espada talhante a dextra brandira, Com brio e firmeza ue pasmo excitou.

Ao ver que a fortuna aos de Islam cede a palma, Que cabe aos de Christo da rôta o laeo, De dor possuida se sente sua alma, E os olhos levanta chorosos ao ceo.

Do grande Pelayo o designio elevado De certo entenderá o guerreiro novel; Que aos pés ajoelhando-lhe, diz: Teu soldado Serei d'or'avante, teu socio fiel. Chamassem-lhe os godos embora Athanilde, Seus fastos o nome de Affonso lhe dão; E Deus successor do varão forte e humilde O elege por digno entre o povo christão.

Pois como não pôde no paiz destinado A gente israelita Moysés penetrar, Assim D. Pelayo, da morte assaltado, Não pôde os seus planos ao cabo levar.

Querida uma filha de rara belleza E um filho a Pelayo o Senhor concedeu; E tinha Ermesinda por nome a princeza, De Fayila ao principe o nome se deu.

Do amigo querendo dar premio condio e Aos feitos brilhantes e heroico valor, Uniu-lhe Pelayo por laço divino A bella a quem vota o mais fervido amor.

De Fávila empôs o reinado foi breve, Apenas dois annos na Hespanha imperou; Mai joven na caça fim misero teve; Na lucta que contra urso fero travou.

Então clero e nobres e povo acclamaram Affonso o valente por seu alto rei; Sob elle, dos reinos de Leão repulsaram Galliza e Castella, o feroz, maura gra.

Tomou de catholico (oh santa almeida) Cognome, que illustra seu braço real; E deve-lhe a hispana christã monarchia Inicio, incremento, renome immortal.

A. Moreira Ballo.

testemunho maximo da religião de Jesus Christo.

Como a vida do homem, é passageira e ephemera a existencia dos imperios e das civilisações.

Tem a sua infancia, a sua adolescencia, a sua virilidade e a sua velhice: um berço e um tumulo são as duas balizas, os dois grandes marcos da sua duração.

Mas para o christianismo, cujo caracter sobrenatural o eleva acima das instituições humanas, não tem applicação as leis comuns.

Para elle ha sim uma duração, que se conta por annos e seculos; porém como a Providencia o distingue no meio de todas as seitas que se mascaram com o pomposo nome de religiões e a preferencia da bondade divina lhe dá um cunho todo ce-este?

Eis aqui perto de vinte seculos, que Jesus Christo, filho de Deus, Deus elle mesmo, fez d'uma Cruz o instrumento de uma realisação; e ainda o mundo se curva se, humilha e rende homenagem diante da Cruz predestinada!

Que monarcha, que soberbo potentado da terra subiu jamais a um throno tão glorioso? que purpura se ostentou por tanto tempo sobre os hombros reaes, sem que o tempo a despedaçasse?

É que verdadeiramente grande, verdadeiramente rei, verdadeiramente Senhor, potentado e Deus era elle Homem, que fez d'uma Cruz um throno, d'uma cana um sceptro, d'uma corôa de espinhos um diadema de perolas e disse consigo, ao assumir as insignias: Reinarei por toda a eternidade?

E reinou, ainda hoje reina, e os fundamentos de seu throno são tão solidos que nem a eternidade os abalará!

A palavra de Deus não deixa nunca de cumprir-se, quaesquer que sejam os obstaculos que os homens lhe opponham. Foi por isso que a palavra de Jesus teve a sua consummação. Elle era o filho de Deus e a Providencia lhe assignou o rasto de seu reinado sobre a terra, como a estrella guia o nauta no meio da immensidão dos mares.

Uma das provas somos nós mesmos e esta nossa publicação, que se acha baptisada com o nome do symbolo da redempção humana, a cruz.

Não nos parece que seja sem alguma utilidade o advento de mais uma folha a basear sempre seus escriptos e suas doutrinas nos ensinamentos divinos e nas doutrinas e nas praxes da Igreja, e na autoridade também infallivel de seu supremo cabeça.

Nos tempos que vão correndo, os interesses materiaes parecem absorver e neutralisar todos os bons instinctos da sociedade; as industrias, ensoberbecidas pelo impulso que receberam, pertendem dominar os outros interesses sociaes; a religião esfria, o enthusiasmo amortece, a fé esquece as suas gloriosas tradições, e por isso são bem vindos todos os escriptos que poserem em relevo a solida philosophia do Evangelho.

É mister que haja quem diga aos povos que se não deixem arrastar pelos dictames falsos e absurdos do commodo epicurismo que ali grassa. Debalde a industria amontoa os seus productos e os seus cabedades; debalde a actividade do homem, despertada por uma chusma de precisões facticias, cria os ouros, que a opulencia compra muitas vezes a custa das lagrimas do pobre e dos martyrios do proletario; debalde a sciencia, descendo das alturas da theoria e do reciocinio, se materialisa e procura estabelecer uma antithese sem fundamento entre a religião e o seculo, entre o catholicismo e a vida dos povos.

A obra de Deus não será destruida pela maldade dos homens.

Se a industria e a sciencia falsa, se o epicurismo e as commodidades materiaes são antepostos pelo espirito de rebellião ás exigencias sublimes do espirito religioso, Deus patrocina estas ultimas e ha-de dar-lhes o triumpho, porque são a sua mesma inspiração.

A piedade é util para tudo e a ella foram prometidos os bens da vida presente e da vida futura.

Estamos convencidos que a regeneração do Portugal novo não nos pôde vir senão pela pratica sincera do velho catholicismo.

Sejamos nós tão crentes, tão devotos, tão christãos, tão catholicos como foram nossos paes e não duvidemos que a Providencia nos destine também na historia dos povos um logar honroso.

Os povos, que antepuseram os bens da terra ás doutrinas divinas, como os individuos, que procurarem agradar primeiro o mundo do que a Deus, acabarão sempre por perder uma e outra coisa; enquanto que a riqueza e o poder virão constantemente como por accrescentamento aos homens e ás nações, que buscarem antes de tudo o reino de Deus e a sua justiça.

Potugal foi grande principalmente pela sua fé e pela sua união com a Igreja. Advogar a causa religiosa é ainda um acto de verdadeiro patriotismo.

Não faltam ali escriptores que digam mal da religião e da Igreja, embora quasi sempre saibam tão pouco d'aquillo mesmo contra que proferem as maiores blasphemias.

É pois necessario que haja quem seja pela verdade religiosa, quem a defenda, já que desgraçadamente estão sempre a apparecer na imprensa adversarios das crendices divinas que herdamos de nossos paes que foram a fonte de todas as verdadeiras glorias da nossa patria, e são a esperanza unica de sua prosperidade.

ROMA

A cidade eterna, a Roma dos papas— a capital do catholicismo, acha-se usurpada pelo novo Balthasar, que se não pe-jeu não só de profanar os vasos sagrados, como também de se apoderar dos bens da Igreja—mas, o dedo de Deus, a justiça divina já proferiu a sua sentença de morte.

Seus dias estão contados. Breve veremos o papa senhor do que pertence á Igreja, de que é fiel depositario e salvagnarda de seus direitos.

O gremio catholico agita se, e de todos os pontos do mundo se ouve o hymno encantador: «a Roma—a Roma catholico-libertar o chefe do catholicismo—o grande ancião do Vaticano—o successor dos apóstolos, Leão 13.º»

Pouco importam as fortificações do novo Balthasar—pouco importam as maquinações de artimañas de Satanaz, porque nenhum poder tem contra Deus.

Roma foi sempre dos Papas. Viva a Igreja catholica—Viva Leão 13.º

MASSACRE

Aqui transcrevemos uma correspondencia de Tripoli, que é uma lição aos que não levam em conta os serviços, relevantes do clero a pró da civilisação.

Não é sómente fazendo-se sciencia em meio de povos civilizados, que se dá testemunhos de amor pelos progressos da humanidade.

Onde a abnegação e o perigo mais se manifestam é que se põe em prova a coragem e a dedicação.

Para taes duos quizeramos que accetassem o repto os philosophadores da nova escola.

Eis a correspondencia:

«Ha já tempo que a colonia franceza está profundamente afflicta com as noticias que chegam do Sahará.

«Tres padres argelinos, muito conhecidos que aqui se tinham feito estimados, tanto dos europeus como dos indigenas, foram assassinados nas immedições de Ghadamés.

«Nada se pôde afirmar por em quanto a respeito dos auctores d'este massacre, mas cita-se o nome de Caid de Ghadamés, inimigo declarado dos francezes (já comprometido no massacre da missão Flatters) como auctor d'aquelle acto de crueldade.

«A pedido do consul de França no Tripoli, aquelle Caid foi demittido. Havia testemunhos provaveis; foram as moedas de 20 francos provenientes do saque da caravana Flatters, que elle havia dividido entre os guerrilheiros Tona. Mas que succedeu então?

«O governador Nasif-pacha, (predecessor do governador actual Rassin pacha) também conhecido dos francezes, o qual declarava por toda a parte que havia de reconquistar a Tunis e repellindo as tropas expedicionarias, não se satisfez com a destituição de um Caid que também comprehendia as suas ideias de governador contra a França.

«Que fez elle?

«A primeira medida que tomou, apenas chegou ao Tripoli, foi substituir o indicado Caid em Ghadamés, que he na fronteira

da Arhelia. Temos porem uma segunda edição de massacre da missão Flatters.

«Agora foram tres pobres padres missionarios homens inoffensivos que cahiram victimas do fanatismo, ás portas da propria cidade de Ghadamés.

«Foi o ultimo golpe de Nasif-pachá contra os francezes no momento da sua sahida de Tripoli, para onde, como sabeis, foi mandado em consequencia da sua hostilidade permanente contra tudo quanto era francez a ponto de estarem prevenidas todas as tribus ottomanas para não attenderem nenhuma reclamação que proviesse de um subdite francez.»

SEMANA POLITICA

Trata-se d'uma carta dirigida pelo chefe do Estado á Rainha Victoria, na qual se pedia aquella soberana que intercedesse para com o seu governo para que fosse addido o tratado de Lourenço Marques.

O sr. Hiotze Ribeiro declarou ignorar a existencia de tal carta, em quanto que o sr. Rodrigues Sampaio declara que fôra o governo regenerador quem aconselhára a corôa a escrevel-a, com o fim de buscar a pacificação do paiz, cuja agitação exigia aquelle facto.

Foi exigida esta carta para ser presente á camara. Na camara dos Pares trata-se também este assumpto.

—Foi pelo sr. Carlos Bento renovada a iniciativa do projecto de lei relativo a serem discutidos em sessões publicas os tratados das nações estrangeiras.

—O sr. Marianno de Carvalho propoz um projecto de bill ao governo, que foi regeitado.

—Foram apresentados dois projectos de lei pelo sr. Joaquim Antonio Gonçalves, um para o novo imposto denominado imposto eleitoral, pelo qual cada eleitor de Lisboa e Porto pagará ao Estado 35000 rs. e nos outros concelhos 15500 rs. —Outro projecto creando uma caixa de pensões para os invalidos do trabalho!!!

—O mesmo sr. deputado apresentou uma nota de interpellação ao sr. ministro da fazenda sobre a desigualdade que existe na cobrança do imposto do real d'agua sobre alguns generos coloniaes estrangeiros e especialmente sobre o arroz em diferentes pontos do paiz.

—Foi proposta a approvação do contracto de navegação a vapor entre Lisboa e portos d'Africa occidental.

—O sr. ministro da marinha propoz que seja extensivo aos officiaes inferiores de infantaria do Ultramar e guarnições das provincias ultramarinas os beneficios que foram concedidos aos do exercito do reino pela carta de lei de 20 de junho de 1880.

—Foi presente á Camara dos deputados pelo sr. ministro dos estrangeiros o tratado de commercio entre Portugal e a França.

—Um telegramma de Londres dá a noticia de estar nullo o tratado de Lourenço Marques em vista da actual situação do Transwal, ficando em vigor os tratados anteriores.

—A cerca da escala alcoolica diz o mesmo telegramma achar se concluido o tratado entre a Inglaterra e a Hespanha.

Relativamente a este telegramma foi instado o sr. ministro dos estrangeiros, que declarou que a Inglaterra só annullou as combinações que tinham relação com o Transwal, subsistindo as outras, e que a Inglaterra expressára desejos da boa harmonia e conciliação com Portugal.

O sr. ministro dos estrangeiros pediu auctorisação para pôr em vigor a convenção regular do trans-porte das encomendas sem designação do valor entre os paizes da União dos correios.

—Appresentou também o mesmo sr. ministro um projecto de lei approvando as convenções consulares entre Portugal, a Belgica e os Paizes Baixos.

—Foi appresentado pelo sr. Gomes Barbosa á camara dos deputados um projecto de lei tornando extensivo ao assucar produzido em Cabo Verde o beneficio que por lei de 4 de Fevereiro de 1876 foi concedido a igual genero de producção da Madeira, ficando livre de direitos no continente do reino por 5 annos.

—A classe dos chapelheiros de Lisboa dirigio ao parlamento uma representação contra o tractado de commercio com a França.

—Na noite de 27 houve sessão secreta na camara dos deputados para ser discutido o tratado de commercio com a França. Fallaram contra o tratado os snrs. Dias Ferreira, Saraiva de Carvalho, e a favor o sr. Antonio de Serpa.

—Tem affluído á camara grande numero de representações contra o tratado.

—O sr. Antonio de Serpa prometteu organizar uma tabella de valores medios para chapéos importados em Portugal, devendo os direitos ser calculados sobre esses valores, entablando para isso negociações diplomaticas se forem necessarias.

—O sr. Alberto Pimentel apresentou á Camara dos Deputados um projecto de lei elevando a 3003000 réis os vencimentos dos escriptorarios das repartições de fazenda dos concelhos de Lisboa, Porto, Olivae e Belem, a 2405000 rs. os dos outros concelhos do reino e ilhas adiacentes e a 2005000 réis os dos concelhos da provincia de Lisboa.

—A associação commercial de Lisboa para tomar deliberações contra o tratado de commercio. Foi proposto 1.º que se representasse ao governo, 2.º que se avisasse o governo de que os industriaes fecharão as fabricas, 3.º que se abrissem subscrições para os operarios, convidando-se o rei e a familia real para se collocarem á frente d'este acto, que chamam de caridade.

ESTRANGEIRO

Não são sem interesse as noticias que nos chegam d'alem das nossas fronteiras.

Ao regressar D. Alfonso a Madrid esperavam no ali acontecimentos que são talvez a transformação da actual situação politica da Hespanha.

A grande desinteligencia que existe na maioria parlamentar ora põe em risco a vida do ministerio, ora ameaça o parlamento com uma dissolução.

É uma crise verdadeiramente manifestada. A politica terá de optar por um dos dois expedientes, sendo certo que o jornalismo se inclina a que o sr. Sagasta saberá sair triumphante das dificuldades que se multiplicam pela insubordinação da maioria parlamentar.

Causou certa sensação em Berlim o rescripto imperial de 9 do corrente na parte relativa ás prerogativas do soberano. Em vista d'isto o principe de Bismark, respondendo no parlamento a uma interpellação disse que o rescripto tinha o unico fim de impedir o obscurecimento do direito do rei da Prussia; accrescentando que elle chanceler é responsavel pelo acto do soberano, mas que o soberano é verdadeiramente o presidente do conselho de ministros prussiano.

—Segundo telegramma dirigido de Paris a 23, soube-se que a França e a Inglaterra vão responder á ultima nota da Porta com uma nota identica.

O Daily News diz que foi enviado para Bosetta um regimento arabe e mais 4 regimentos receberam ordem de partir para o Soudam a fim de reprimirem a revolta.

—Ha noticia de grave revolta no sul da Arabia.

Já houve combates entre os turcos e os soblevados. O governador da Yemen pediu reforços.

—Dizem de Roma em data de 25 que o Mancini respondendo a uma interpellação na camara, assegurou que todas as petencias querem firmada a paz, que as relações da Italia são amigaveis com todas as potencias, principalmente com a Allemanha e com a Austria, e que os armamentos da Italia não significam hostilidade. Acrescentou que as negociações com a França a respeito da Tunis não estão terminadas.

De S. Petersburgo communicam em 26 que está feito um accordo entre a Russia e a Turquia para o pagamento de indemnisações de guerra. A Turquia pagará annualmente 10 milhões. Os re-

